

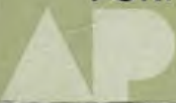
Introdução, pesquisa e fixação dos textos por Duarte Ivo Cruz

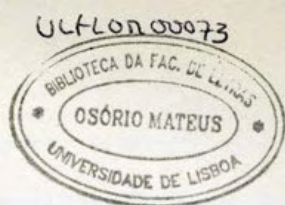
ALFREDO CORTEZ TEATRO COMPLETO

Com peças e excertos inéditos



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES





ALFREDO CORTEZ

TEATRO COMPLETO

Com peças e excertos inéditos.

Introdução, pesquisa e fixação dos textos por Duarte Ivo Cruz

DUARTE IVO CRUZ

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

GLADIADORES

(1934)

Caricatura em três actos

Personagens

PRIMEIRO HOMEM

SEGUNDO HOMEM

TERCEIRO HOMEM

QUARTO HOMEM

QUINTO HOMEM

SEXTO HOMEM

SÉTIMO HOMEM

OITAVO HOMEM

NONO HOMEM

DÉCIMO HOMEM

PRIMEIRA MULHER

SEGUNDA MULHER

TERCEIRA MULHER

QUARTA MULHER

QUINTA MULHER

SEXTA MULHER

SÉTIMA MULHER

OITAVA MULHER

NONA MULHER

DÉCIMA MULHER

GLADIADORES
(1934)
Caricatura em 125 actos

PERSONAGENS

PRIMEIRO HOMEM
SEGUNDO HOMEM
TERCEIRO HOMEM
QUARTO HOMEM
QUINTO HOMEM
SEXTO HOMEM

Embora seja esta, e só esta, a designação por que as figuras aparecem no cartaz, para efeito de montagem esclarece-se que a cada uma delas correspondem na acção papéis diferentes. Assim: o «Primeiro Homem» fará as arengas prévias de cada acto; o «Segundo Homem» desdobrará em «Primeiro Redactor», «Satanás», «Comerciante», «Costureiro» e «Agente Funerário»; o «Terceiro Homem» é o «Belo-Bruto»; «Quarto Homem», «Primeiro Operador Cinematográfico»; «Quinto Homem», «Desgraçado» e «Segundo Redactor»; «Sexto Homem», «Director da Empresa Cinematográfica» e «Conquistador»; «Sétimo Homem», «Torrão de Açúcar» e «Repórter Fotográfico»; «Oitavo Homem», «Enviado da T. S. F.»; «Nono Homem», «Galã»; «Décimo Homem», «Menino», «Primeira Mulher», «Advogada»; «Segunda Mulher», «Presidente»; «Terceira Mulher», «Protagonista»; «Quarta Mulher», «Primeira Conviva»; «Quinta Mulher», «Segunda Conviva»; «Sexta Mulher», «Terceira Conviva»; «Sétima Mulher», «Quarta Conviva»; «Oitava Mulher», «Quinta Conviva»; «Nona Mulher», «Diplomada pela Escola de Lisboa»; «Décima Mulher», «Ingénua».

Não nos parece desnecessário esclarecer ainda que, sendo «Gladiadores» uma caricatura — caricatura da época mundial que atravessamos —, tem de ser, como foi, interpretada em atitudes e movimentos maquinaes que, dentro da justa medida, lhe emprestem o máximo de irrealdade.

Acto primeiro

Quando o pano sobe, vêem-se em fila, no primeiro plano, os artistas masculinos da companhia. Vestem exagerados «smokings» ultramodernos. Em vez de camisa, um peitilho liso, platinado, que dá a impressão de couraça. Grossas luvas de boxe do mesmo tecido dos peitilhos. — Por trás deles uma cortina oculta a cena principal.

PRIMEIRO HOMEM (*Ao centro, sorrindo sem vontade para os camarotes.*) — Minhas senhoras... (*Transição. Sisudo, à plateia.*) e meus senhores! Teve a empresa dúvidas em aceitar esta peça, ou melhor, tivemos nós, artistas masculinos da companhia, a maior relutância em consentir que ela se representasse neste teatro. As razões... (*Dirigindo-se de novo, com um sorriso forçado, aos camarotes.*) vão vossas excelências compreendê-las imediatamente. Não compreendê-las logo no decorrer da primeira cena. Quando digo — vossas excelências — refiro-me... (*Forçando um maior sorriso.*) às senhoras (*Novamente sisudo, à plateia.*), porque vossas excelências, os homens, estão nesta sala ludibriados! O cartaz que anuncia «Gladiadores» oculta intencionalmente que se trata duma peça... (*Atenciosamente aos camarotes.*) — desculpem-me a classificação — duma peça «só para mulheres.» (*Transição. Outra vez severo, à plateia.*) E é disso que os quero prevenir. «Gladiadores» é uma insolência desprimorosa para o sexo forte. Com o ar singelo de folguedo sem intenções, atinge e deixa mal ferido o prestígio do homem, precisamente no seio da família. Coloca-nos numa antipática situação de inferioridade que nem vossas excelências desejarão sancionar com a sua presença, nem nós quisemos agravar com a nossa colaboração. Todos os artistas varões da companhia, do último ao primeiro, que sou eu... (*Murmúrio de protesto nos outros. Ele, depois de os observar, engolindo em seco.*) do último ao primeiro, que somos todos... (*Movimento de concordância geral.*) recusaram os papéis que lhes cabiam. A peça, aliás banal e sem espírito, como a crítica amanhã demonstrará, vai,

portanto, ser representada exclusivamente por senhoras. Só por elas... (Numa *vénia galante aos camarotes.*) e só por elas. (*Riso efeminado do Sétimo Homem, que, dando-se conta da inconveniência, fica instantaneamente sério. Primeiro Homem, prosseguindo, à plateia.*) Nós, meus senhores, abandonaremos a sala logo que vossas excelências o fizerem... (*Noutro tom.*) Se entenderem que o devem fazer, é claro. (*Longa pausa.*) Não entendem? Não sai ninguém? (*E, depois duma ligeira reflexão.*) Compreendo. Compreendo, mas...

SEGUNDO HOMEM (*Avançando resoluto e cortando-lhe a palavra.*) — ... Mas eu ponho a questão com mais clareza. (*Pausa.*) Num velho livro, empoeirado e bafiento, encontrou o autor a história vivida duma matrona que, tendo casado dezanove vezes, dezanove vezes se livrou salva do ouso! Dezanove mártires queimados, um a um, no mesmo forno!... Pois é esta Padeira de Aljubarrota de nova espécie a heroína de «Gladiadores»! Com ela se teceu uma intriga mesquinha e amesquinhante para todos nós. (*Palmas e ruído de grande animação nos bastidores. Ele, ao público.*) Ouvem? Ouvem? (*Às palmas sucedem-se clamores de «Hip! Hip! Hurrah!...»*) Um jantar de homenagem. O inevitável jantarzinho de homenagem à Protagonista e plurivindista, que neste momento afia os dentes no assado, para o seu vigésimo matrimónio. Querem vossas excelências habilitar-se? Um vigesimozinho barato! Querem habilitar-se? (*Transição.*) Pois fiquemos. É talvez mais divertido.

TERCEIRO HOMEM (*Carrancudo e brusco.*) — Sou da mesma opinião. (*Aos outros.*) Afastem-se aí para o lado. (*Aos da esquerda.*) Mais para o lado. (*Aos da direita.*) Mais para trás. (*Depois, ao ponto.*) E manda subir o pano. (*Afastaram-se em dois grupos para os lados do proscénio, e o pano principia a erguer-se lentamente, no meio dum entusiástico ruído de palmas e bravos que voltou a ouvir-se da parte interior.*)

Estamos agora na sala de jantar dum grande restaurante mundano. Cenário sintético, artisticamente insinuado no meio duma vasta rotunda negra. Dum e doutro lado mesas ocupadas pelas dez Mulheres. Ao fundo a mesa de honra, onde, à direita da senhora que preside e que ocupa naturalmente o lugar central, se vê a Protagonista, pachorrentamente sentada, gulosa das iguarias e indiferente às aclamações com que as demais convivas festejam, de pé, a oradora. Esta, na mesa da esquerda, perto do proscénio, aguarda, arrogante, que as palmas cessem. Criados servem «champagne».

ADVOGADA (*Ou seja, a oradora, vendo que as palmas não terminam.*) — Deixai-me prosseguir. (*Como as palmas recrudescam, repete em tom mais forte.*) Deixai-me prosseguir.

VÁRIAS VOZES — Deixem-na prosseguir. Schiu! Schiu! Deixem-na prosseguir. (*Sentam-se todas com ruído, fazendo-se logo um instantâneo silêncio.*)

ADVOGADA (*Passado um tempo.*) — Dizia-vos eu, mulheres portuguesas!, dizia-vos eu que... (*Pausa enfática. Depois, num arranco.*) não devemos ver na alta personalidade da senhora que hoje aqui, reunidas, glorificamos... (*Nova pausa.*) apenas uma Fénix dezanove vezes renascida das suas próprias cinzas! Não!... (*Nova pausa enfática.*) Os dezanove cadáveres que ruíram a seus pés — «mirabile dictum!» — são simples pedras do pedestal que a ergue a muito maior altura! Ver nela a sobrevivente de dezanove pugnas de amor e nada mais, seria reduzi-la às proporções dum simples Landru de saias! Era igualá-la a um homem! Era volvé-la em monstro!...

TODAS AS MULHERES (*Erguidas em frenéticos aplausos.*) — Bravo! Bravo! Apoiado! Bravo!...

ADVOGADA (*Dominando o ruído dos aplausos com voz poderosa.*) — Mas não, repito. Não!... Não foi apenas a soberba de dezanove déspotas que o contacto desta mulher reduziu a cinzas. Nos altos fornos da nossa Landru heroica ardeu toda a tirania dos homens, todo o despotismo dum sexo que a si próprio se chama forte, que blasona de nobre, e que nos subjuga, e escraviza, e oprime, desde o primeiro alvorecer do Sol!... (*Novas palmas. Novo entusiasmo. A oradora inflamada.*) Ora, é por essa mulher-símbolo que eu levanto a minha taça! É esse novo sol-nascente que eu saúdo com o mais frenético brado de «Ala! Ala! Ala! Arriba!...».

TODAS AS MULHERES (*De taça erguida, saudando a Protagonista.*) — Arriba!...

INGÉNUA (*Sem o menor entusiasmo.*) — Arriba.

ADVOGADA — «Ala! Ala! Ala! Arriba!...»

PRIMEIRO HOMEM (*Arrancando numa firme atitude.*) — Abaixo!...

TODAS AS MULHERES (*Indignadas.*) — Arriba!...

TODOS OS HOMENS (*Solidários com o primeiro.*) — Abaixo!

TODAS AS MULHERES (*Avançando agressivas.*) — Arriba!...

PRESIDENTE (*Enérgica.*) — Silêncio! Silêncio! Silêncio!... (*Faz-se um profundo silêncio. Ela, com grande calma, mas também com muita firmeza.*) — Devo prevenir os senhores aqui presentes de que não nos incomodam nada mantendo à nossa festa: mas que não lhes permito que nela tenham a menor intromissão, sob pena de mandar evacuar a sala.

PROTAGONISTA (*Com a boca cheia.*) — O quê?! Evacuar a sala?! (*Engole o custo, limpa os beiços, e com decisão.*) Lá isso não consinto eu.